

## Os personagens principais da trajetória botânica de Burle Marx

RÚBIA RICCELI PIRA SANTANA MOREIRA\*

**Resumo:** Burle Marx é um renomado artista brasileiro, formado em Belas Artes, cuja prática profissional se consolidou no campo do paisagismo, tendo a flora brasileira como elemento principal da expressão de seus ideais e intenções. O encontro do artista com a “o personagem principal” de sua trajetória – a flora – aconteceu em sua infância e tornou-se uma constante ao longo de sua história, onde frequentemente aparecem biólogos, botânicos, naturalistas e afins. Os discursos do próprio Burle Marx apresentados nesse artigo, escrito ao longo de cerca de 40 anos de sua prática, revelam múltiplas experiências e personagens contribuíram de alguma forma para seu envolvimento com a flora. Nesse sentido, sua família e nomes como Engler, Von Martius e o botânico Mello Barreto são peças fundamentais para compreender a formação do paisagista Burle Marx.

**Palavras-chave:** paisagismo; flora brasileira; botânicos; Mello Barreto.

### *The main characters of the botanical trajectory of Burle Marx*

**Abstract:** Burle Marx is a renowned Brazilian artist, trained in Fine Arts, whose professional practice has consolidated in the field of landscaping, having the Brazilian flora as the main element of the expression of his ideals and intentions. The artist's encounter with "the main character" of his trajectory - the flora - happened in his childhood and became a constant throughout his history, where often appear biologists, botanists, naturalists and the like. The discourses of Burle Marx himself presented in this article, written over some 40 years of his practice, reveal multiple experiences and characters have contributed in some way to his involvement with the flora. In this sense, his family and names like Engler, Von Martius and the botanist Mello Barreto are fundamental pieces to understand the formation of the landscape artist Burle Marx.

**Key words:** landscaping; Brazilian flora; botanists; Mello Barreto.



\* RÚBIA RICCELI PIRA SANTANA MOREIRA é Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco.

## Introdução

Burle Marx é conhecido como o paisagista criador do jardim moderno no Brasil, o qual atingiu repercussão mundial. Sua obra, conhecida também por seus atributos estéticos formais, é notadamente lembrada pelo uso de espécies autóctones que desperta um novo olhar para a flora brasileira. Até então, o que era culturalmente aceito e valorizado em termos de arte no Brasil, o que inclui a arte dos jardins públicos ou privados, era exportado da Europa, de forma que o brasileiro convivia mais com plantas exóticas – rosas, gerânios, cravos – do que com a própria flora, ainda associada à floresta selvagem e ameaçadora. Academicamente, Burle Marx se formou em Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas sua formação cultural a qual ele adquiriu de múltiplas formas ao longo da vida – pela educação que recebeu de seus pais, em suas viagens, no contato com diversos profissionais (artistas, arquitetos, botânicos etc.) – é bastante ampla e multidisciplinar (LEENHARDT, 1994; TABACOW, 2004).

Entendendo que as múltiplas influências de sua formação cultural estão presentes implícita ou explicitamente em suas obras e discurso, considera-se que estes podem dar indícios das experiências e personagens mais significativos para a construção de seu pensamento e obra. Especificamente em seus discursos, é notável a frequência com que Burle Marx menciona botânicos e demonstra encantamento pela planta, especialmente, a flora brasileira. Assim, o objetivo desse artigo é identificar os

fatos e personagens da trajetória de Burle Marx que fizeram a planta ganhar destaque em sua vida, tal como ele próprio afirma em uma de suas conferências:

Este relato é um depoimento tirado de minha própria formação, em cuja história **a planta se tornou o personagem principal**. (Marx, 1957/2004, p. 15, grifo nosso)

Apesar do extenso legado que deixou em termos de projetos paisagísticos, as ideias e produção teórica de Burle Marx encontram-se distribuídas em entrevistas publicadas em diversos jornais, revistas e poucos livros. Assim o livro *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem, conferências escolhidas*, organizado por seu aprendiz e posteriormente sócio Tabacow (2004), destaca-se por reunir em um só volume, 24 conferências realizadas pelo paisagista ao longo de quase 40 anos, entre meados da década de 50 até a década de 90. Este recorte temporal, é particularmente interessante para o objetivo deste artigo porque permite identificar, por exemplo, a recorrência de um determinado personagem ou fato em seu discurso, a qual pode sinalizar sua relevância.

Na tabela a seguir, estão elencados biólogos, botânicos, naturalistas e outros cientistas da natureza, mencionados por Burle Marx em suas conferências. Os nomes destacados – Ducke, Kullman, Martius, Mello Barreto e Saint-Hilaire – foram citados com frequência maior que os demais, em conferências e momentos distintos, mantendo-se presentes até as suas conferências mais recentes (final dos anos 80, princípio dos anos 90).

Tabela 1 – Botânicos, naturalistas, biólogos e outros cientistas da natureza citados por Burle Marx

1. Alberto de Sampaio	12. Ducke	23. João Batista de Lacerda	34. Lund	45. Schott
2. Alexandre Rodrigues Ferreira	13. Engler	24. João Semir	35. Marcgrave	46. Sellow
3. Altemburg	14. Ferri	25. José Mariano da C. Velloso	36. Martius	47. Spix
4. Aparício Pereira	15. Frei Leandro do Sacramento	26. Karl Foster	37. Mello Barreto	48. Thevet
5. Aquiles Lisboa	16. Gardner	27. Kuhlman	38. Nanuza Menezes	49. Vellozo
6. Barléus	17. Gaudchaud	28. Ladislau Neto	39. Pacheco Leão	50. Warming
7. Binot	18. Graziella Barroso	29. Langsdorff	40. Piso	51. Wied
8. Brade	19. Hermes Moreira de Souza	30. Lietze	41. Rinaldi	52. Zimmer
9. Camilo Schneider	20. Hoenne	31. Lindman	42. Rodrigues	
10. Campos Porto	21. Humboldt	32. Loefgren	43. Saint - Hilaire	
11. Dierberger	22. Jean de Léry	33. Luis Emygdio	44. Schlick	

Tabela elaborada pela autora em 2017. Fonte: TABACOW, 2004

Observação: os nomes estão organizados em ordem alfabética e não corresponde à sequência em que são citados no texto e a numeração foi utilizada somente para fins de contagem.

Como veremos, além de citar, Burle Marx expressa a admiração e a gratidão por alguns destes personagens revelando as contribuições e relevância destes em sua trajetória. Mas antes mesmo de ter contato com esses profissionais, é em sua casa que o paisagista recebe os primeiros estímulos que o leva ao encontro de seu objeto de investigação e trabalho.

### 1. Do convívio familiar a Engler

Segundo Burle Marx, ele teve a sorte de ter tido duas mães, a biológica (Cecília Burle) e a de criação (Ana). Cecília Burle

tinha por hábito o cultivo de plantas, ao observá-la cuidar do jardim da família, Burle Marx já despertava o seu interesse para esta prática, e Ana, ao ensiná-lo a arte de cultivar, nutria este interesse. Os relatos a seguir, revelam a dimensão dessa vivência para Burle Marx.

Lembro-me de minha mãe, em manhãs de sol do inverno paulista, podando roseiras. E **eu já interessado** por aqueles esqueletos de plantas, que dias depois se cobriam de brotos e desabrochavam em flores.

**Outra impressão forte** foram os caládios e as begônias que ela fez vir de Pernambuco, e que cultivava em estufa, **com habilidade e invulgar amor, qualidades essenciais** para quem quer cultivar plantas.

Depois a outra mãe, Ana, introduzindo-me **na arte de semear e cultivar. O prazer de retirar da terra o primeiro rabanete semeado por mim** é ainda bem vivo na minha memória.

**Aos sete anos, comecei a ter minha coleção de plantas.** Nesta fase, travei conhecimento com aloccásias, como a *Alocasia cúprea*, por exemplo, que tinha para mim, **o sentido de um verdadeiro milagre.** (Marx, 195?/2004, p. 15, grifo nosso)

É interessante observar que estes trechos não só revelam as circunstâncias na qual Burle Marx tem seu primeiro contato com as plantas, mas também o encantamento que esse contato – prazeroso e que propicia milagres – parece ter lhe gerado ao ponto de motivá-lo, ainda criança, a começar a colecionar espécies. Essa atividade, para além de um entretenimento infantil, se torna uma de suas principais atividades ao longo de sua vida e, através dela, ele constrói o que hoje é um importante patrimônio brasileiro: o Sítio Burle Marx - Centro de Estudos de Paisagismo, Botânica e Conservação da Natureza – onde se encontra “uma das mais importantes coleções de plantas vivas existentes no mundo<sup>1</sup>”.

Além da convivência com as plantas proporcionada por “suas mães”, Burle Marx foi incentivado a estudá-las por seu pai, Wilhem Marx, que lhe forneceu acesso a revistas europeias especializadas em plantas, das quais

Burle Marx destaca a publicação de Garten Schoenheit dirigida por Camilo Schneider e Karl Forster. Por este último ele expressa admiração quando afirmando que este “foi um fenômeno no que concerne cultivo de plantas”. Esse episódio o marcou ao ponto de ele afirmar: “**essa primeira experiência serviu como principal lema de minha vida**” (Marx, 195?/2004, p. 15, grifo nosso). E o gosto pelo cultivo que se inicia na prática direta, continua lhe sendo atrativo enquanto objeto de estudo, pelo qual ele demonstra um forte fascínio.

Outra experiência proporcionada pela família que marca a trajetória de Burle Marx, é uma viagem a Berlim, onde foram buscar tratamento médico especializado e onde permaneceram um ano e meio. Neste período, enquanto estudante de pintura, Burle Marx conhece o Jardim Botânico de Dahlem, onde ele descobre o trabalho de Engler e a riqueza da flora brasileira os quais passam a inspirar seus trabalhos, respeitadas as devidas proporções de cada um.

**Inspirado no trabalho de Engler**, que construiu os grupos de diferentes floras no Jardim Botânico de Berlim, foi que realizei meu primeiro grupo ecológico, com o qual **marquei uma direção que continuou em muitos outros trabalhos.** (Marx, 195?/2004, p. 16)

(...) quando me perguntam onde eu teria percebido as qualidades estéticas dos elementos nativos da flora brasileira, onde tomei a decisão de construir, com a flora autóctone, (...), sinceramente respondo que **foi como estudante de pintura**, diante de uma estufa de plantas tropicais brasileiras, **no**

<sup>1</sup>[http://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=159:s%C3%ADtio-roberto-burle-marx](http://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=159:s%C3%ADtio-roberto-burle-marx)

**Jardim Botânico de Berlim.** Sim, foi ali que vi a força da natureza genuína tropical, pronta e em minhas mãos, para a intenção que trazia, então pouco definida, como **matéria adequada para a obra plástica que procurava.** (Marx, 1954/2004, p. 33)

Colaborou também para minha formação uma viagem a Berlim, onde pude **apreciar e examinar os primeiros jardins ecológicos de Engler.** (Marx, 1962/2004, p. 44)

Assim, essa viagem a Berlim valida-se como um marco direcional, o momento em que Burle Marx encontra o caminho que pretende seguir, e isso não se limita à escolha da flora brasileira como a matéria de suas obras. O conceito de *grupos ou jardins ecológicos* que Engler lhe apresenta, aparece recorrentemente em suas conferências, mais tarde em termos de *associações ecológicas*, como um conhecimento aplicado em seus projetos de paisagismo e o qual ele aperfeiçoou pelo contato com outros botânicos, notadamente com o botânico Mello Barreto, como veremos mais adiante.

## 2. Os viajantes naturalistas, em especial Von Martius

Como vimos anteriormente na tabela 1, Burle Marx citou pelo menos 52 nomes de profissionais ligados às ciências da natureza, sobretudo botânicos e naturalistas - alguns pelas contribuições que deram à descoberta de espécies, alguns pela notoriedade de sua obra científica, outros pelos cargos que ocuparam frente à administração de jardins botânicos e/ou outras instituições ligadas à pesquisa da flora etc. – demonstrando seu conhecimento e prática neste campo do conhecimento. Mas dentre estes, em seus posicionamentos, ele privilegiou a visão e a sensibilidade dos viajantes naturalistas do século XIX.

Frequentemente ele os citou para clarear, sustentar e ilustrar seus próprios argumentos, sendo Von Martius particularmente requisitado e elogiado.

Como vejo diferente esse espírito, do de um **Von Martius**, homem de **cultura humanística** que, chegando ao Brasil, apaixonou-se por sua **exuberante natureza** e, num misto de ciência e poesia, dividiu-o em **regiões fitogeográficas**, individualizadas pelos nomes de divindades gregas, Náiades, Oréades, Hamadriades. Era homem de **fina sensibilidade**, que **aliava às melhores noções ecológicas de sua época um forte sentimento artístico** (...). (Marx, 1962/2004, p. 48, grifo nosso)

Nesse trecho, Burle Marx exalta a cultura e sensibilidade artísticas de Martius para sustentar a crítica que faz ao “mau gosto” por plantas artificiais (Marx, 1962/2004, p. 48). A habilidade de combinar qualidades artísticas com noções ecológicas que ele destaca, é uma atitude que ele próprio afirma ter em várias de suas conferências, evidenciando certa influência. A divisão das regiões fitogeográficas é um exemplo que Burle Marx utilizou algumas vezes.

Citarei apenas **Martius** que, ao elaborar a *Flora Brasiliensis*, trabalhou nesse sentido, estabelecendo as diversas **províncias botânicas brasileiras**, descrevendo com acuidade e detalhadamente cada região que percorria. Sua concepção de nossa paisagem, em termos gerais, vigora até hoje; (...). (Marx, 1976/2004, p. 131, grifo nosso)

Em 1817, chega o botânico e naturalista **Von Martius**, que foi o primeiro a fazer a **divisão fitogeográfica do Brasil**. (...). Pelo mapa, fica demonstrada a **consciência ecológica de Martius**,

que há mais de um século e meio pôde perceber a importância da fitogeografia. (Marx, 1981/2004, p. 160, grifo nosso)

Nas citações anteriores, Burle Marx lembra Martius e a sua divisão fitogeográfica, respectivamente, pela forma que honrou a natureza e ampliou o conhecimento desta. Seu elogio ao rigor e relevância do trabalho dos naturalistas, fundamenta seu discurso da necessidade de retomada dessa atitude investigativa e respeitosa perante a natureza, necessária ao conhecimento e valorização dos recursos naturais brasileiros. Ele mesmo organizou e empreendeu uma série de viagens pelo Brasil, sendo inclusive responsável pela descoberta e catalogação de algumas espécies vegetais.

Burle Marx também recorre aos viajantes naturalistas para endossar as denúncias que fazia aos abusos da exploração dos recursos naturais.

**Saint-Hilaire** denunciou a **exploração indiscriminada**. **Martius** documentou, em sua viagem, **as violentas queimadas** a que assistiu, citando também, em seu diário, **outros aspectos de conduta** irracional, como a caça empírica e criminosa. (Marx, 1975/2004, p. 115, grifo nosso)

As obras de **Spix, Martius, Schott, Gardner, Lund**, o príncipe de **Wied Neuwied, Saint-Hilaire, Langsdorff, Sellow, Loefgren** e tantos outros, sejam livros, anotações, desenhos, gravuras, constituem hoje **verdadeiro monumento dedicado à paisagem brasileira**. Mas contêm, ao lado disso, **amargas críticas e advertências à administração** desses bens pelos próprios habitantes. (...) O diário de **Spix e Martius** demonstra, por exemplo, tal **respeito por esse patrimônio**, que as reais dificuldades,

transtornos e problemas a que foram submetidos na penosa viagem, desaparecem diante de seu **encantamento** por uma ou outra formação ou de seu **estarcimento** perante atos de destruição e irracionalidade em relação à natureza. (Marx, 1976/2004, p. 139, grifo nosso)

Assim, Burle Marx, solicita os naturalistas ora para mostrar a gravidade da ameaça aos recursos naturais, uma vez que seus relatos evidenciam quão antigo é esse processo em expansão, ora para exemplificar atitudes de respeito ao patrimônio, frutos de um encantamento. Em ambos os casos, ele alerta para a necessidade de se criar, a seu tempo, meios de se evitar a degradação da natureza e valorizar seus recursos. E o seu paisagismo também serve à essa causa, como ele declara.

A ideia de **valorizar a flora do Brasil por meio do uso de nossas plantas em parques e jardins** visa, principalmente, trazer ao habitante das cidades o **conhecimento de nossas riquezas naturais**, ao mesmo tempo em que, de certa forma, ajuda a **perpetuar espécies ameaçadas de extinção**. (Marx, 1976/2004, p. 199, grifo nosso)

Esse depoimento aqui vem exemplificar a consonância que o discurso de Burle Marx encontra em sua prática que como se tem mostrado, não se limita ao paisagismo, mas se faz também por meio de suas excursões e coleção de plantas, dentre outros, como a pintura etc. Ele não só elogiou os naturalistas que o inspiraram, mas também repetiu alguns de seus passos.

### 3. Botânicos amigos, em especial Mello Barreto

A exemplo dos viajantes naturalistas, Burle Marx realizou suas próprias excursões pelo território brasileiro a fim de conhecer a sua flora: o vocabulário de

seus projetos paisagísticos. Para realizar essas viagens, ele contou com equipes multidisciplinares onde os botânicos foram peça fundamental. A convivência estabelecida no decorrer dessas viagens e a partilha de dificuldades e descobertas contribuíram para que essa relação se transformasse em amizade.

Sou grande amigo de alguns botânicos e fui amigo de outros, já falecidos, da grandeza de Ducke, Kuhlman e Mello Barreto. Gozo da amizade de alguns botânicos atuantes, como Aparício Pereira e Graziella Barroso. (Marx, 1952/2004, p. 17)

Algumas [espécies] foram coletadas em excursões realizadas junto com o botânico e amigo Ducke. Ele foi um grande estudioso dessa região, grande observador e possuía uma memória surpreendente, em se tratando de plantas. (Marx, 1975/2004, p. 116)

Realizei viagens com o botânico Brade, quase sempre a pé, na região da Serra do Mar. (Marx, 1975/2004, p. 119)

Outro exemplo: Luis Emygdio me fez conhecer e ver a beleza de uma árvore, *Couratari rufescens*, a qual semeei para utilização em jardins. (Marx, 1981/2004, p. 166)

Burle Marx cita seus amigos botânicos principalmente declarando essa amizade ou destacando, como foi visto, as experiências que compartilhou com alguns destes ou ainda, demonstrando sua admiração como no caso de Ducke, e explicitando assim a sua familiaridade com esses profissionais. Para além disso, ele sugere que a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas também organize viagens de estudos para as quais recomenda alguns botânicos que conhece.

Pela experiência que tivemos, ao longo de todos esses anos, posso

indicar os nomes de Nanuza Menezes, João Semir, Luiz Emygdio, Hermes Moreira de Souza e muitos outros botânicos que seriam utilíssimos para aumentar nossos conhecimentos a respeito da flora e das paisagens brasileiras, além de nos tornar aptos a introduzir novas espécies nos jardins, aumentando nossas possibilidades de expressão e valorizando plantas, muitas delas fadadas ao desaparecimento. (Marx, 1981/2004, p. 166)

O relacionamento com estes vários botânicos foi tão importante na sua trajetória, que Burle Marx elaborou, em 1983, uma conferência específica para falar da participação deles em sua formação profissional.

No decorrer de todo esse tempo, **tive a felicidade de conviver com um Mello Barreto, que me fez compreender a importância de conhecer as plantas em seu habitat; com Aparício Pereira**, um recordista na coleta de exsicatas para o herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; com **Graziella Barroso**, cuja suavidade na atitude sempre humana contrasta com o extraordinário saber, a segurança e a seriedade científica com que se conduz; com **Nanuza Menezes e João Semir**, os dois com um entusiasmo contagiante nas diversas excursões que juntos realizamos; com **Adolpho Ducke**, profundo conhecedor da Amazônia, que ele tanto amou; com **José Correia Gomes**, grande conhecedor de Bignoniaceae, (...); com **Luiz Emygdio de Mello Filho**, que sempre me despertou admiração, pela objetividade e poder de síntese, nos trabalhos que atuamos juntos; com **Kuhlman**, cuja percepção intuitiva o levava a classificar muitas plantas pelo simples exame de sementes; com **Pacheco Leão**, cuja dedicação pela integridade da

área do Jardim Botânico do Rio de Janeiro o levou a uma luta inglória e desgastante; com **Hoenne**, cuja capacidade de observação e registro despensa comentários; e, com muitos outros, sempre numa relação fértil. (Marx, 1983/2004, p. 177, grifo nosso)

Desse trecho, é interessante notar que, Burle Marx atribui a todos os botânicos que menciona, uma qualidade que admira neste, mas quando fala de Mello Barreto, ele declara aquilo que este lhe ensinou, além de enfatizar a felicidade de tê-lo encontrado. De fato, de todos os botânicos com os quais Burle Marx conviveu, Mello Barreto é o que ele mais cita nestas 24 conferências estudadas. Como veremos, este parece ter sido essencial para que Burle Marx compreendesse e incorporasse na sua prática as associações ecológicas.

#### 4. Mello Barreto o professor

Burle Marx destaca várias vezes ao longo das conferências analisadas, que o diferencial do seu trabalho de paisagista está na articulação de seus conhecimentos estéticos e ecológicos. Dentre os conhecimentos ecológicos, ele ressalta a necessidade de se conhecer as espécies vegetais em seu habitat natural e compreender quais as condições necessárias à sua adaptação, isso se torna possível a partir do estudo das associações ecológicas.

No meu trabalho como artista, no campo do paisagismo, tento formar um vocabulário partindo da riquíssima flora brasileira, de sua infinita variedade, introduzindo no jardim espécies nativas, **estudando, apaixonada e constantemente, as associações ecológicas** (...) (Marx, 1966/2004, p. 69-70, grifo nosso)

Na natureza, **as associações** não se fazem ao acaso, pois obedecem a compatibilidades que dependem do jogo complexo dos fatores do clima,

do solo, e da própria interação entre plantas e animais e de plantas entre si. Os ecólogos denominam esses agrupamentos definidos associações. (Marx, 1967/2004, p. 86, grifo nosso)

(...) posso afirmar que certas justaposições vegetais, certas **associações** e agrupamentos ecológicos afins trazem expressões completamente novas do ponto de vista **jardinístico**. (Marx, 1987/2004, p. 210, grifo nosso)

Estes são só alguns exemplos das múltiplas vezes nas quais Burle Marx fala a respeito de associações, conhecimento que ele afirma ter aprendido com o Mello Barreto, um dos nomes mais citados em diferentes conferências e a quem ele não hesita tecer elogios, agradecimentos e a amizade.

Nos grandes parques, muito da experiência de que me valho foi adquirida quando realizei o Parque do Araxá, em Minas Gerais, juntamente com **Mello Barreto. O convívio com esse botânico teve, para mim, um caráter de verdadeira escola**. (...) Para a minha formação, **foi da maior valia esse contato com um dos maiores botânicos de campo que já conheci**. (Marx, 1962/2004, p. 44, grifo nosso)

Por essas paragens, a mesma viagem que fiz com um **dileto amigo**, já falecido, o botânico **Mello Barreto**, passaram, com a mesma admiração, vultos ilustres como Saint-Hilaire, que deixou tão erudita documentação, apenas com a diferença das dificuldades maiores até então. (Marx, 1968/2004, p. 93)

Tive, em outra época, a felicidade de conviver com o **notável botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto. Ele me ensinou a observar que as plantas não vivem**

isoladas, mas em **associações**, que tem sua lógica própria e sua própria beleza. **Aprendi** que é importante conhecê-la em seu habitat natural, antes de querer utilizá-las em jardins. Percorri, com **Mello Barreto**, várias regiões (...). (Marx, 1975/2004, p. 119, grifo nosso)

Pelas circunstâncias de meu desenvolvimento profissional, pude realizar frequentes viagens e conviver no campo com muitos botânicos, a começar por **Henrique de Mello Barreto, que me fez ver a importância das associações vegetais**, das dependências do meio e outras. **Esse contato foi decisivo** para a minha compreensão. (Marx, 1981/2004, p. 166)

Os depoimentos de Burle Marx não deixam dúvidas a respeito da participação de Melo Barreto em sua formação e seguramente figura entre os personagens principais de sua trajetória, onde mais que amigo, parece ocupar o lugar de professor.

### 5. Considerações finais

São múltiplos e numerosos os personagens que fazem parte da trajetória de Burle Marx e que permitiram que ele mantivesse o contato com a planta, objeto de seu interesse desde a infância, ao longo de toda a sua vida. Mas os personagens que exerceram influência em suas escolhas nessa direção, bem como proporcionaram meios para que ele pudesse caminhar neste caminho, são poucos e identificáveis.

Neste artigo, destaca-se notadamente a importância de sua família (mãe, pai e mãe de criação) ao lhe propiciarem o contato primeiro com a arte de jardim e, sequencialmente, as melhores condições para que Burle Marx estudasse o tema de seu interesse. Também é a família que lhe proporciona a experiência em Berlim na qual ele conhece o trabalho de Engels,

já lhe despertando para o conceito de grupos ecológicos. E finalmente, Mello Barreto se torna seu professor e ensina a Burle Marx como funciona as associações ecológicas, conhecimento que ele aplica a seus projetos. Em todos estes casos, o próprio depoimento do autor explicita a relevância destes personagens ou do que eles proporcionam como podemos ver em “essa primeira experiência serviu como principal lema de minha vida” ou ainda em “esse contato foi decisivo para a minha compreensão.”

Além disso, a relevância de Mello Barreto aqui revelada, sugere que uma análise mais profunda dos projetos de Burle Marx, passam pelo entendimento do que esse botânico lhe ensinou.

### Referências

LEENHARDT, Jacques (org.). **Nos Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

MARX, Burle. **Depoimento Pessoal (195?)**. In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p. 15 - 22

\_\_\_\_\_. **Projetos de paisagismo de grandes áreas (1962)**. In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p. 41 – 50

\_\_\_\_\_. **Considerações sobre a arte brasileira (1966)**. In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p. 69-76

\_\_\_\_\_. **Jardins residenciais (1968)**. In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p.97-104

\_\_\_\_\_. **Paisagismo e flora brasileira (1975)**. In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p.115-126

\_\_\_\_\_. **Recurso paisagísticos do Brasil (1976).** In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p. 127-138

\_\_\_\_\_. **Depoimento do Senado Federal (1976).** In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p. 139-146

\_\_\_\_\_. **Paisagismo e ecologia (1981).** In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p. 159-170

\_\_\_\_\_. **A participação dos botânicos na minha formação profissional (1983).** In:

TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p. 177-180

\_\_\_\_\_. **A função do jardim (198?).** In: TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004. p. 207-214

TABACOW, José (org.). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem* (Conferências escolhidas). [Edição revisada e ampliada] São Paulo: Nobel, 2004.

*Recebido em 2018-12-09*

*Publicado em 2019-02-06*